

## Fumo e cachimbos estrangeiros na moderna São Paulo

Sarah de Barros Viana Hissa\*

HISSA, S.B.V. Fumo e cachimbos estrangeiros na moderna São Paulo. *R. Museu Arq. Etn.* 34: 111-131, 2020.

**Resumo:** O uso do tabaco na Colônia foi amplo e difundido entre as várias classes sociais, grupos étnicos e categorias associadas a ofícios. Podia ser consumido, além do rapé, via cigarros, charutos ou cachimbos. Sabe-se que cachimbos de barro eram produzidos em vários locais do território, incluindo São Paulo. Além disso, cachimbos estrangeiros foram identificados em vários pontos do território hoje brasileiro, com datações desde o século XVII até o XX, aparecendo também na atual capital paulista. Com a abertura dos portos, iniciou-se um período de intensas transformações no sentido de uma modernização, quando também entraram cachimbos feitos no exterior. A vida urbana foi estimulada e, no que tange à cultura material, o Brasil se colocou em contato direto com o restante do mundo. Promoveram-se importações, em especial de mercadorias inglesas (que chegavam aos montes) com o auxílio das tarifas alfandegárias que então as protegiam. Em São Paulo, foram identificados pitos provenientes da Itália e de outros centros produtores, datados de maneira geral entre os séculos XIX e XX, podendo ser associados a esse processo macro de modernização, mesmo certamente desempenhando significados também locais e individuais. No entanto, é uma presença extremamente diminuta frente às maiores quantidades e variedades de cachimbos de barro, de fatura nacional.

**Palavras-chave:** Cachimbos; Arqueologia urbana; Século XIX; Século XX; Modernização.

### O fumo na colônia portuguesa

No Brasil Colonial, o tabaco foi um produto de exportação de grande importância, apesar de mencionado muito menos frequentemente que o açúcar. Foi uma produção de caráter híbrido, combinando mão

de obra doméstica e escrava, entre pequenos produtores: proprietários, foreiros e posseiros, em minifúndios. Com o crescimento da produção no século XVII, as regiões mais importantes no cultivo do tabaco no Brasil foram Bahia (em especial os campos da Cachoeira), Pernambuco e Maranhão. No Rio de Janeiro e em Minas Gerais, a cultura do fumo foi significativa, especialmente voltada para o mercado interno, destacando-se a região de Baependi (Nardi 1987, 1996).

O tabaco brasileiro foi tão importante para Portugal que se instituiu um complexo aparato administrativo para regular e fiscalizar sua

\* Pós-doutoranda em Arqueologia na Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), com apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). Doutora em Arqueologia pelo Museu Nacional da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (Faperj). <sarah.hissa@gmail.com>

produção, distribuição e taxações, como a Junta da Administração do Tabaco, criada em 1674; o *Contrato geral do tabaco de Portugal, Reino de Algarve e ilhas adjacentes*, instituído em 1700; as Superintendências do Tabaco, uma na Bahia e outra em Pernambuco; e o *Contrato do tabaco do Rio de Janeiro* (1695-1757). Durante a crise do sistema colonial e o fim da exclusividade metropolitana, essas estruturas administrativas foram gradualmente se extinguindo, enquanto as exportações, a cultura do tabaco e o mercado interno foram se expandindo. Com a abertura dos portos em 1808, exportações diretas para vários pontos da Europa foram então possíveis. O produto permaneceu importante para a economia brasileira, compondo, ao lado de um ramo de café, os braços de armas do Império e da República do Brasil (Nardi 1987, 1996; Philips 1983; Russell-Wood 2014).

O tabaco cultivado em terras brasileiras circulou intensamente também pela colônia e no século XIX. Burton (2001 [1868]) menciona o fumo como um artigo carregado pelo tropeiro, junto à pederneira e outros itens misturados em uma capanga de lona ordinária. Cordas de fumo preto eram artigos comercializados nas vendas situadas nos caminhos oficiais, misto de mercearia e botequim, onde se vendia de

tudo. Debret registra (Fig. 1), entre mercadorias carregadas por tropeiros, o fumo de corda, carregado em “*balaios verdes*” (Moura 2013: 365).

Já o consumo do tabaco se deu como medicamento e para fins recreativos. A medicina colonial teve base essencialmente empirista, exercida principalmente por cirurgiões, boticários, sangradores, curandeiros, feiticeiros, raizeiros, benzedores, barbeiras e parteiras, no trato tanto das elites quanto das camadas subalternas (Coelho 2011; Furtado 2005; Gurgel 2015; Ribeiro 1997). Considerando essa prática de cura, sobretudo de fundo popular, há várias receitas favoráveis ao uso medicinal do tabaco – sob forma de fumaça, emplastro, supositórios ou infusões, entre outras. Ele era usado na cura de lombriga, como purgativo, para remediar piolhos e bichos de moscas-varejeiras em feridas e nos narizes e para curar feridas, entre outras possibilidades. Foi também usado para defluxos nasais, desobstrução dos brônquios e na cura de “*asma de causa fria*” (Ferreira 2002 [1735]: 369). No domínio da medicina dos humores (Lima 1996), o tabaco teria sido especialmente útil em regiões altas, como em Vila Rica, MG, onde o caráter das doenças era considerado do gênero inflamatório, catarral ou reumático.



Fig. 1. Jean-Baptiste Debret. *Tropeiros pobres de São Paulo*. 1823. Aquarela sobre papel. Observar, na porção esquerda da imagem os cestos esverdeados, nos quais se transportava o fumo em corda.

Fonte: Moura (2013: 24).

Os bandeirantes sertanistas, que aprenderam com os indígenas e jesuítas o uso da *botica da natureza*, utilizavam também o caldo de tabaco para picadas e espantar carrapatos. O mesmo uso contra carrapatos persistiu no século XIX, tendo sido mencionado pelo príncipe Maximiliano zu Wied-Neuwied (1940: 426), no Brasil entre 1815-1817, e por Henry Walter Bates (1944 [1863]) na Amazônia, em meados do XIX. Também Richard Burton (2001 [1868]), em viagem entre o Rio de Janeiro a mina de Morro Velho, em Minas Gerais, aponta para o uso de uma infusão forte de tabaco, associada à cachaça, para picadas abundantes do inseto (em nota, aponta para a ocorrência de um francês que apresentou intoxicação com esse procedimento) (Bates 1944 [1863]; Burton 2001 [1868]; Ferreira 2002 [1735]).

No processo de academicização da medicina no contexto do século XIX, a prática popular foi combatida, tal como a pajelança, o curandeirismo e as associações mágicas, frequentemente então rotulados de charlatanices. Os periódicos médicos, quando já também havia imprensa no Brasil, fizeram parte desse esforço de sobrepor a medicina acadêmica à popular (Ferreira 2009; Figueiredo 2009; Pimenta 2009; Ribeiro 1997). Contudo, percebe-se que, à maneira de como ocorreu na Europa, a medicina acadêmica brasileira do século XIX viu concepções tanto contrárias quanto favoráveis ao uso medicinal ou recreativo do tabaco (Hissa 2018, 2020).

Considerando seu uso mais recreativo, essa planta se disseminou cedo entre os luso-brasileiros, ainda no século XVI. Enquanto o tabaco curativo podia ser administrado por meio de infusão ou pó suspenso em líquido ou em pílula, introdução no reto, extratos e xaropes, chás e inalação da fumaça, seu consumo como hábito recreativo se deu especialmente pelo rapé ou pela fumaça, via cigarros, charutos ou cachimbos.

O tabaco em geral foi adotado por todas as classes sociais, desde o início da Colônia, de forma vertical e amplamente disseminada. Cardim (1980 [1548?-1625]: 44) já aponta para a sua adoção pelos portugueses, que estariam “*perdidos por ella, e têm por grande vicio estar todo o dia e noite deitados nas redes e beber fumo, e assi se embebedão dele, como se fora vinho*”. Já o bispo Sardinha, em 1555, fala também do fumo,

mas associando-o de modo genérico a classes subalternas por meio da crítica a Vasco Fernandes Coutinho, então donatário da capitania do Espírito Santo, por beber fumo junto a homens ditos como baixos.

No século seguinte, em 1666, em Recife, o comandante francês marquês de Mondevergue, segundo relato de Urbain Souchu de Rennefort, apontou o tabaco como importante riqueza econômica, mas colocou os portugueses novamente, como Cardim antes dele, como preguiçosos, agora sempre dormindo e fumando (Urbain Souchu de Rennefort *apud* França 2012). Em continuidade às menções identificadas para os séculos anteriores, Antonil (1837 [1711]) também aponta para um uso amplo e vertical do tabaco; contudo, elege o rapé, não o fumo, como o mais empregado.

Como o rapé foi de fato uma das principais vias de consumo do tabaco nos séculos XVIII e XIX, ele deve ser lembrado nos estudos sobre fumo e considerado como concorrente ou conluiado do cachimbo, mesmo deixando de poucos a nenhum registro material e arqueológico. Havia variedades das mais caras às mais baratas, de modo que foi acessível e corriqueiro até mesmo para os escravizados. Isso não impediu que homens e mulheres ricos o adotassem, já que o rapé foi utilizado amplamente pela nobreza europeia, o que influenciou as elites brasileiras. Foi tomado pelas classes altas como parte de um ritual de luxo e ostentação, nas suas variedades mais caras e especialmente nos meios urbanos. No século XIX, o rapé dividiu o espaço elitizado também com os charutos, que se tornaram mundialmente símbolo da burguesia moderna. Via-se na elite oitocentista tanto o nobre rapé quanto o charuto burguês (Bates 1944 [1863]; Moura 2013; Wied-Neuwied 1940 [1815]). Uma menção a acadêmicos fluminenses em São Paulo – frequentes afeitos à Charutaria Gonçalves, entre outros locais de socialização – estende um pouco mais essa atribuição aos estudantes filhos da elite (Sousa [1887-1891] *apud* Moura 2013: 211). O cachimbo, que nos interessa aqui mais diretamente, teria sido adotado pelos portugueses e luso-brasileiros ainda no século XVI e, desde então,

amplamente utilizado. Antonil (1837 [1711]: 131-132) descreve seu uso nesse sentido:

*Homens ha, que parece não podem viver sem este quinto elemento; cachimbando a qualquer hora em casa e nos cachimbos; mascando as suas folhas, usando de torcidas, e enchendo os narizes deste pó. E esta demasia não somente vive nos marítimos, e nos trabalhadores de qualquer casta, forros, e escravos, os quaes estão persuadidos, que só com o tabaco hão de ter alento, e vigor; mas também em muitas pessoas nobres, e ociosas; nos soldados dentro do corpo da guarda; e em não poucos eclesiásticos, clérigos, e religiosos.*

As primeiras associações identificadas entre o cachimbo e os escravizados datam ainda do século XVII, tornando-se abundantes no XIX, incluindo também farta iconografia histórica. Ele foi então especialmente relacionado nos relatos de viajantes e naturalistas às classes subordinadas. Maximiliano aponta associação do cachimbo com classes pobres. Ele diz que os pescadores e outras “classes baixas” preferem cachimbos (Wied-Neuwied 1940 [1815]: 94-95). O cachimbo também se tornou, especialmente nos oitocentos, emblemático do intelectual, do professor, do romântico, do literário. Ao se considerar também o gênero de quem o utiliza, nota-se que as mulheres, fossem elas escravizadas, pobres ou ricas, foram adeptas. Em especial, foram várias as associações do cachimbo à negra escravizada, mas também apareceram menções a mamelucas, esposas de homens abastados, algumas dessas de ascendência negra, jovens ou velhas. Já os homens abastados aparentemente escolheram seu veículo preferido entre o rapé, o charuto e, em menor escala, o cachimbo.

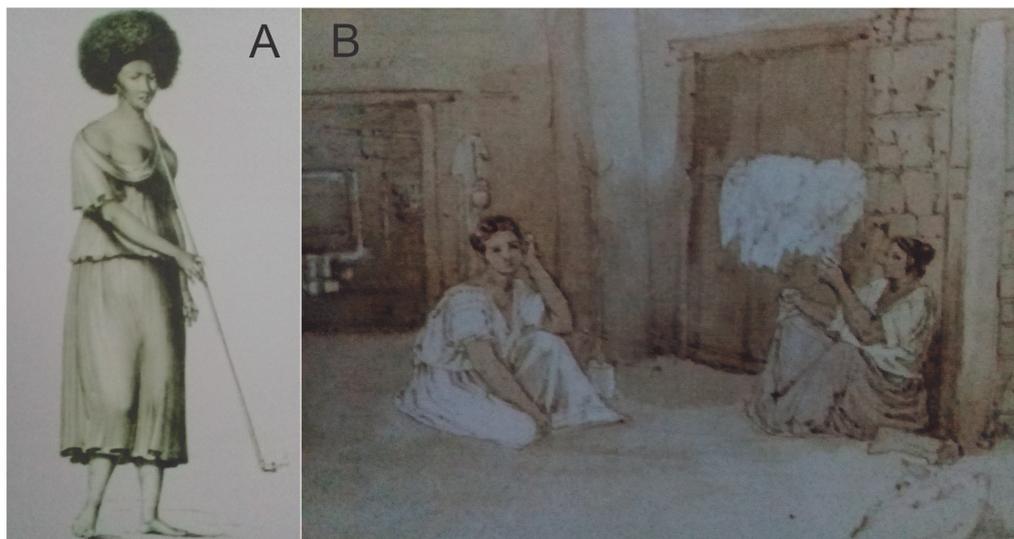
### Alguns pontos sobre o fumo em São Paulo

Spix & Martius (1981 [1817-1820]) apontam para o fumo disseminado entre as classes mais pobres, ressaltando ser hábito geral na província de São Paulo. Até mesmo os eclesiásticos foram adeptos. O padre Belchior de Pontes, em São Paulo, 1720, havia sido tabaqueiro, segundo biografia escrita pelo padre Manoel da Fonseca.

Da mesma forma, um padre Guilherme Pompeu de Almeida deixou em seu inventário duas caixas de tabaco feitas de prata e uma de ouro, demonstrando não somente seu uso, mas também a grande estima atribuída ao tabaco (Moura 2013). Alguns ilustradores (Fig. 2) e viajantes também apontam para o fumo de cachimbos especificamente por mulheres em São Paulo: diante de suas casas em Jacareí (Spix & Martius 1981 [1817]), bem como nos arredores de Itu (Saint-Hilaire 1976 [1819]). Saint-Hilaire (1976) menciona que várias mulheres de uma família pobre em uma venda fumavam cachimbos compridos, medindo cerca de três pés, supostamente muito usados em São Paulo e Goiás.

Wied-Neuwied (1940 [1815-1817]: 94-95) aponta que os brasileiros fumam cigarro preferencialmente. O cigarro de palha foi mencionado em 1861 por Augusto Emílio Zaluar nos arredores de Porto Feliz, SP. Um homem, tendo acendido seu cigarro com um inseparável isqueiro, fumava algumas baforadas depois de acomodar os animais e antes de dormir. Os cigarros teriam sido usados também por senhores na região cafeeira de Bananal, em São Paulo dos oitocentos, preparados por seus pajens (Moura 2013). Esse implemento parece ter sido mais associado a homens, ricos ou pobres, até fins do século XIX, quando busca também o mercado feminino.

Enquanto alguns relatos de cronistas permitem idear um panorama geral do fumo, os periódicos oferecem alguns casos específicos que podem ilustrar outros elementos cotidianos. Em um desses, noticiou-se em 1898 que a Câmara Municipal de São Paulo aprovou algumas normativas acerca da Companhia Viação Paulista, responsável pelo transporte de pessoas e cargas sobre trilhos. Entre os novos regulamentos constava que a empresa manteria duas classes de carros e que o uso do cachimbo nos carros de primeira classe só seria permitido do meio até a traseira do veículo (A Câmara e o público 1898). Essa normativa ilustra que somente na primeira classe era possível evitar a fumaça do tabaco. Ainda, em nível mais básico, ela destaca simplesmente que o fumo não era tolerado por algumas pessoas.



**Fig. 2.** A: *Uma cafuza da província de São Paulo.* Litografia de Martius e Schmid. B: *Interior de uma casa em Nossa Senhora Aparecida, SP, 1817,* de Thomas Ender. Lápis aquarelado.

**Fonte:** Moura (2013: 353-354).

Como já dito, a medicina acadêmica brasileira do século XIX viu concepções tanto contrárias quanto favoráveis ao uso medicinal ou recreativo do tabaco. As visões populares eram também variadas. Entre as diferentes posições acerca da relação entre o tabaco e a saúde ressaltam-se algumas, extraídas de periódicos paulistanos. Uma manifestação em periódico foi escrita por Luiz Figuier (1867: 1), que, após listar uma série de malefícios do tabaco, concluiu ser necessário aplicar medidas proibitivas que regulassem o seu consumo antes de certa idade. Já Parville (1869: 2-3) lista, a partir de estudos de um Dr. Richardson, médico britânico, também vários males físicos e psicológicos do tabaco, porém finaliza seu texto citando formas de amenizá-los: usando cachimbos de longas hastes e longas piteiras em charutos. Além disso, concede ao tabaco algumas propriedades benéficas, relembrando a antiga associação entre o fumo e as enfermidades das vias respiratórias. Outro artigo de 1891 vai no mesmo sentido. Lista malefícios do

fumo, mas elege o cachimbo como forma mais saudável de consumo que o charuto (Aos fumantes 1891). No ano seguinte, outro artigo conta uma suposta história que teria se passado na França, quando um velho à beira da morte, já após a extrema-unção, decidiu que agora que sua vida tinha acabado e que então poderia fumar à vontade. Teria assim acendido seu cachimbo na tocha do sacristão, fumado e se curado imediatamente (Virtude do tabaco 1892). Em 1894, foi dito que:

*anunciam os jornais do país de Gales a morte de uma senhora Sarah Thomaz, que faleceu em Penycloed, perto de Buyport, com 106 anos. Atribui-se essa longevidade ao hábito por ela contraído de fumar bom tabaco. Todos os dias, e até a véspera do seu falecimento, dava um pequeno passeio, encostada a duas muletas, com o sorriso nos lábios e o cachimbo nos dentes. E dizem que o tabaco estraga a saúde!*  
(Telegramas 1894: 1).

Em outras palavras, sumariza Nansouty (1894: 2) algo a respeito da divergência entre as várias opiniões sobre o fumo, bem como sobre a importância do cachimbo manufaturado de madeira, sobre a decadência do cachimbo de barro europeu nos oitocentos e a associação entre fumo e indolência:

*Esta maquininha para produzir fumaça passou por muitas alternativas: desprezada, adorada, tolerada, interdita, conheceu todas as vicissitudes. Mas de quantos sentimentos afetuosos ou comoventes não terá sido emblema? Recusa-se uma recompensa, uma gratificação, uma compensação; não se recusa um cachimbo de honra ou de amizade [...]. Simples ou artístico, o cachimbo de tojo é o instrumento por excelência do fumador convicto. Para longe o lírio, a cerejeira, a oliveira e outras matérias primas pretensiosas, sobre as quais se incrustam vãos ornamentos de cobre, níquel, prata e ouro! Estas variedades bizantinas não fariam soprar uma só fumaça a um verdadeiro amador do bom tabaco bem fumado. Cerca de cem casas francesas exercem a indústria do cachimbo, e a produção sobe a 12 milhões de francos, é uma bonita soma. Perto dos dois terços deste fabrico são exportados pela França. Há também o cachimbo de barro, cachimbo sem consequência, objeto cerâmico que se fabrica em quantidades consideráveis e de que os coitados fazem grande consumo. Presentemente fuma-se muito menos do que outrora em cachimbo de barro, e é esta uma das provas características da intensidade com que se trabalha em todos os ramos da atividade humana: não se pode, com efeito, exigir movimentos bruscos e rápidos ao fumador artefato que tem de trabalhar depressa. O cachimbo de barro, excelente cousa na verdade, exige o sangue frio, a calma e a doce filosofia do far niente; os marinheiros da marinha de vela, os soldados em guarnições sedentárias, os aposentados, os velhos são os únicos que lhe podem saborear os encantos, na nossa civilização a vapor. Os outros, a generalização dos fumantes, irão abstendo-se cada vez mais do cachimbo de barro.*

Entre fatos mais curiosos veiculados em periódicos, estão dois. Em um caso, o cachimbo foi o único item a ser furtado de uma casa relativamente rica, a do professor Sr. Klinkg, na

Rua dos Bambus. Os ditos larápios “só levaram um rico cachimbo do dono da casa, não tendo conseguido arrombar uma gaveta onde estavam alguns objetos de valor” (Notícias 1882: 2). A outra dizia que:

*Anteontem à noite, no Hospital da Misericórdia [...], o Sr. Adolpho Lemos, doente em tratamento naquele hospital, foi vítima de uma agressão do enfermeiro Paschoal de tal, travando-se entre os dois uma luta tremenda [...]. O Sr. Adolpho, depois de ter-se deitado, levantou-se para acender o cachimbo, de que faz uso. É certo que o regulamento da primeira enfermaria proíbe fumar, mas mesmo naquela enfermaria, sob as cobertas, os doentes fumam (Palcos e salões 1898: 2).*

### Os cachimbos estrangeiros e os de barro

Em sítios arqueológicos históricos no Brasil, podem-se encontrar duas amplas categorias de cachimbos. Uma delas refere-se aos cachimbos estrangeiros, em geral feitos de argilas brancas cauliniticas, mas também a partir de argilas colorizadas – principalmente a partir do século XIX. Periódicos oitocentistas se referem a eles como cachimbos de louça. A outra categoria se refere aos comumente nomeados pelos arqueólogos como de barro. Esses são assim referidos, muito embora as argilas brancas cauliniticas sejam igualmente barro. Contudo, são assim designados também em periódicos oitocentistas, sendo, portanto, categoria êmica (Hissa 2018).

Os cachimbos ditos de barro são peças de argilas queimadas a baixas temperaturas, geralmente em tons terrosos, vermelhos e pretos, produzindo peças porosas. Por vezes apresentam núcleo reduzido, de onde se infere o uso de argilas com algum teor de ferro. Eram produzidos por modelagem ou moldagem, geralmente com forma angular e para inserção de piteira vegetal, que poderiam chegar a longos comprimentos (Fig. 2A), mas também aparecem na forma de angular longo com haste e boquilha integradas, especialmente em Pernambuco (Hissa 2019a, 2019b).

Observa-se grande variedade estilística, a partir de decoração plástica excisa, incisa, modelada e/ou moldada, em padrões geométricos (linhas, pontos, círculos, triângulos, em x), fito e antropomorfos e volutas rebuscadas. Brancante (1981) indica a variada e exuberante produção brasileira de cachimbos, com dispersão local ou regional, mencionando especificamente produção na Amazônia, em Minas Gerais e em São Paulo. Nesse caso, diz que “*São Paulo também produziu cachimbos, sendo que em São Sebastião no Bairro de São Francisco, ainda hoje são fabricados*” (Brancante 1981: 427, 429, 432). Alguns desses cachimbos foram associados, desde Lima, Bruno & Fonseca (1993), a grupos étnico-culturais afrodescendentes. Discutiu-se, a partir de dados arqueológicos, históricos e iconográficos, sua ampla utilização durante o período colonial e imperial, por negros e negras, nas condições de escravizados e libertos, preocupando-se especialmente com questões de identidade étnica e resistência cultural (Agostini 1998, 2009, 2011; Souza & Agostini 2012). Agostini (1998, 2009) discutiu algo acerca da produção e circulação desses objetos, sugerindo também a produção individual pelos escravizados, além dos centros produtores locais.

De todo modo, apesar das persistentes e amplamente justificadas associações feitas entre negros e o fumo em cachimbos de barro, deve-se ressaltar que algumas ilustrações do cotidiano histórico do Brasil colônia e império representam negros escravizados utilizando cachimbos de caulim (Hissa 2018). De forma análoga, cachimbos de barro poderão ter sido utilizados por várias outras classes sociais, como já apontado anteriormente neste artigo. Assim, é preciso sempre observar os contextos particulares, para não se essencializar objetos arqueológicos como artefatos diagnósticos de grupos ou culturas estáticas e herméticas.

Já os cachimbos estrangeiros eram produzidos na Europa, notadamente na Inglaterra e na Holanda, mas também em França, Bélgica, Itália e Alemanha, tendo sido comercializados globalmente (Hissa & Lima 2017). Alguns exemplares atingiram alto

grau de sofisticação decorativa, a partir de moldes bastante intrincados, enquanto outros, bastante simples, não carregavam sequer a marca do fabricante. Entretanto, de modo geral, são de quebra fácil e eram especialmente suscetíveis a mudanças estilísticas e morfológicas. Por essas razões, o cachimbo estrangeiro é útil em datações de sítios e estratos arqueológicos.

Considerando esse fator, a partir de uma compilação de dados georreferenciados de 140 sítios arqueológicos históricos que apresentaram cachimbos estrangeiros e/ou de barro, buscou-se um panorama geral e compreensão de contextos específicos, em escalas macro e micro, da dispersão desses objetos no território hoje brasileiro (Hissa 2018). As maiores concentrações de cachimbos arqueológicos estrangeiros no Brasil, tanto do período colonial quanto dos oitocentos, localizam-se em cidades litorâneas, também portuárias. Em contraste com as grandes coleções de cachimbos estrangeiros das cidades litorâneas, há uma modesta interiorização deles no nosso território. Além disso, observa-se que essas coleções mais robustas acompanham as regiões de maior foco econômico em cada época (Fig. 3). Outro forte padrão observado foi a presença marcante de cachimbos de caulim holandeses no Nordeste, repetidamente circunscrita ao século XVII ou o englobando; além de uma variedade de centros e nações produtores para os cachimbos oitocentistas.

Essa distribuição espacial e cronológica de cachimbos estrangeiros pode ser explicada a partir de algumas conjunturas históricas. As vilas quinhentistas (com exceção de São Paulo de Piratininga) e a maioria das 37 vilas seiscentistas localizavam-se no litoral ou próximo a ele, especialmente em locais propícios para defesa. Esse estilo de ocupação deliberado por parte da Coroa Portuguesa na América demonstrava a orientação da Colônia para a exportação. Enquanto a produção principal se dava em áreas rurais próximas às vilas litorâneas, em especial na atual região Nordeste do país, as vilas portuárias atuavam como intermediadores comerciais com a Metrópole e etapa final, desse lado do Atlântico, no processo de escoar os produtos.

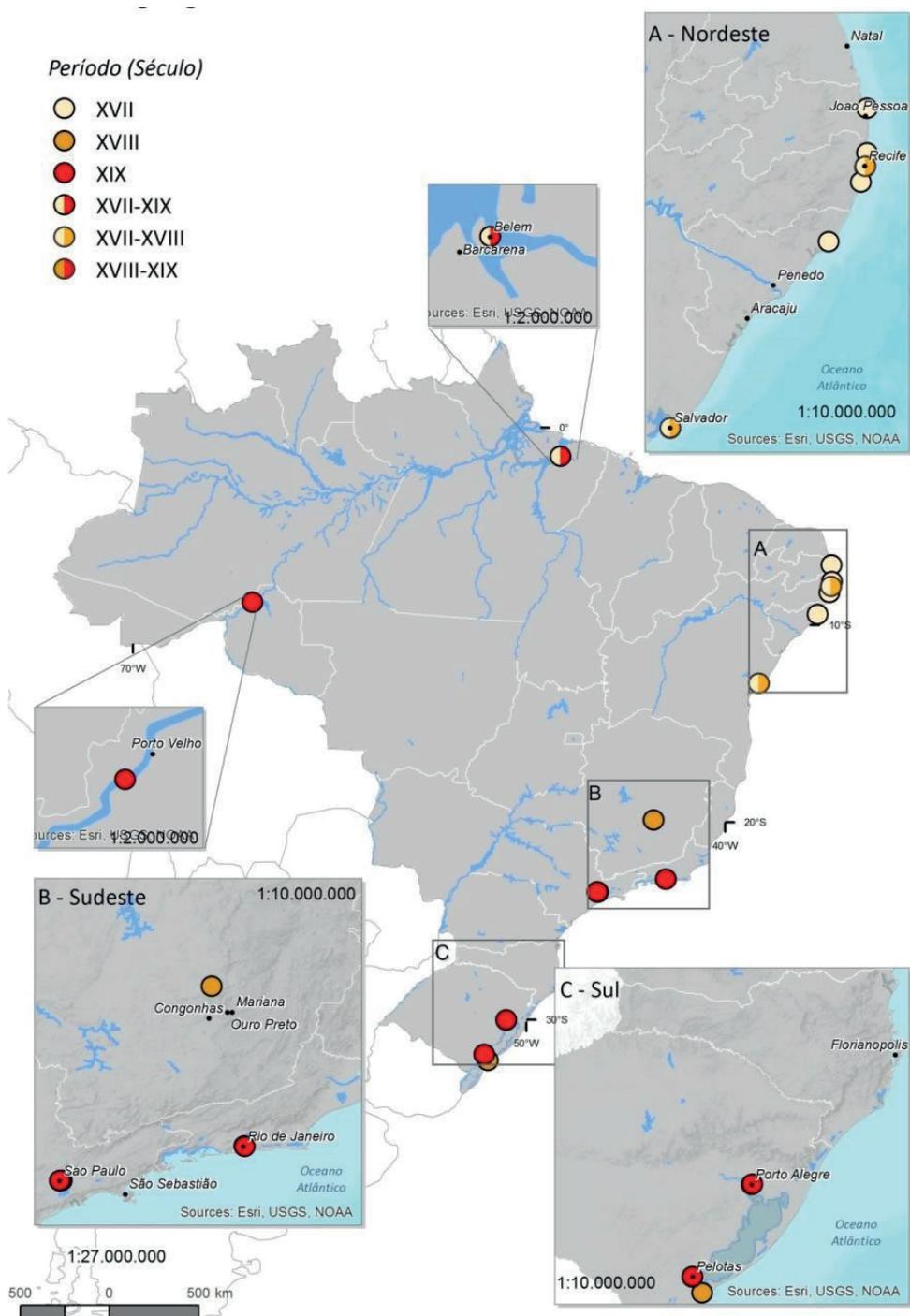


Fig. 3. Cronologia geral dos cachimbos de caulim exumados.

Mapa: Leticia de Barros V. Hissa.

Fonte: ESRI, 2017. ESRI Data & Maps Media Kit. Redlands, CA: Environmental Systems Research Institute. IBGE (2014) Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - Malha Digital. Disponível em: <<https://mapas.ibge.gov.br/bases-e-referenciais/bases-cartograficas/malhas-digitais>>. Último acesso: 01/02/2017.

Considerando o contexto do polo econômico na colônia seiscentista, nota-se que as grandes coleções de cachimbos de caulim do século XVII são formadas por pitos holandeses e estão concentradas em cidades como Recife, Salvador e Belém. Nesse período a região recebeu investidas holandesas, que trouxeram seus cachimbos especialmente a Pernambuco, e via trânsito de mercadores e marinheiros, especialmente portugueses, que o consumiam cachimbos de caulim holandeses na metrópole (Calado, Pimenta & Silva 2003; Calado *et al.* 2013; Pimenta, Calado & Silva 2008; Pinto, Filipe & Miguel 2011), e luso-brasileiros.

Já no século seguinte, quando da descoberta do ouro na colônia, a interiorização da ocupação do território pelos invasores é gradualmente efetivada. Nos setecentos é quando se agracia a ocupação luso-brasileira dos sertões, bem como floresce a vida urbana. No entanto, mesmo os mais importantes centros urbanos interioranos surgidos no crescente fluxo de pessoas e de rendimentos, tanto provenientes da mineração quanto das atividades paralelas de abastecimento e comércio, não apresentam coleções de cachimbos brancos, com a exceção de algumas ocorrências mínimas (da ordem de um ou dois fragmentos). Parece haver de fato poucos cachimbos de caulim na Colônia, atribuídos de modo geral ao século XVIII, com uma possível e importante exceção da cidade de Salvador, importante porto àquele século. Essa praticamente ausência do pito estrangeiro nesse período pode ser explicada pelo enclausuramento da Colônia quando da descoberta dos recursos minerais auríferos e diamantíferos.

Para Sérgio Buarque de Holanda (2014), foi somente com a abertura dos portos que a vida urbana foi de fato estimulada, ameaçando a preponderância da vida rural. A hipertrofia urbana muda e inverte a relação entre as cidades e o mundo rural. Entre outros fatores, como a abertura dos portos, o desenvolvimento de vias mais eficientes e a melhoria de instalações portuárias, destaca-se que, com a diminuição da importância da produção do açúcar e a expansão da cultura cafeeira, o modelo de exploração açucareira perde importância. O fazendeiro de café, diferentemente do antigo

senhor de engenho, agora reside por mais tempo somente nas cidades e as indústrias domésticas de subsistência perdem espaço.

Grandes quantidades de produtos eram importadas e distribuídas pelo país, em intensidades desiguais. Alguns cachimbos estrangeiros referentes ao século XIX, tanto de argilas caulínicas quanto colorizadas, foram identificados em vários pontos do Brasil, podendo ser associados a esse processo macro da modernização, mesmo certamente desempenhando significados também em escalas locais e individuais. As maiores coleções referentes ao século XIX, acompanhando a tendência econômica e comercial oitocentista, reúnem-se majoritariamente na região Sudeste do país, especialmente na zona portuária do Rio de Janeiro (Hissa & Lima 2019), e em algumas outras cidades portuárias do Sul, mas essas em menor escala. Aparecem alguns exemplares em São Paulo, cidade que cresce rapidamente a partir de fins dois oitocentos.

### São Paulo e os cachimbos

Até fins do século XIX, a ocupação na atual cidade de São Paulo era modesta em termos de população, relativamente pobre e essencialmente rural: a *formosa sem dote*, na descrição do governador Gomes Freire de Andrade. A pequena vila era polo de desbravamento das minas e fornecedora de mão de obra indígena. O comércio de fazendas secas, bebidas e mercadorias era limitado a poucas lojas, enquanto os gêneros alimentícios, na ausência de um mercado, eram negociados em vendas de rua. A indumentária disponível era em geral simples e a infraestrutura pública e os serviços urbanos eram precários, tais como arruamento, iluminação, hospedagem, limpeza de vias e abastecimento de água com caixas d'água, chafarizes públicos, bicas e fontes naturais (Bueno 2013; Porto 1992). Isso não significa uma ausência de produtividade ou isolamento. Como colocou Zanettini (2005), as próprias casas bandeiristas em propriedades rurais eram complexos multifuncionais, com olarias produtivas e entrepostos comerciais de importância. A vila também apresentava uma

elite comerciante, conectada por caminhos regionais e locais (Torrão Filho 2007). Por outro lado, ainda na primeira metade do século XIX (portanto antes do surto de desenvolvimento urbano e industrial), “entre os moradores de São Paulo, o gosto pelo luxo europeu nem de longe se desenvolveu tanto como entre os ricos baianos, pernambucanos e maranhenses” (Spix & Martius 1981 [1817-1820]: 186).

Enquanto Porto (1992: 33) descreve as edificações ao início dos oitocentos como do tipo pesado e tristonho, um burgo tranquilo de aspecto colonial, já para 1883 o caracterizou como um centro comercial cheio de vida. Enquanto no centro antigo as ruas eram tortuosas e estreitas, com largos pequenos e irregulares, sua nova porção era planejada em ruas largas e quarteirões regulares. Nesse momento, a distribuição domiciliar de água começava a ser implantada, com a pedra fundamental lançada em 1878 e a captação na serra da Cantareira. A cidade já havia se ampliado em muito, por exemplo, com início do loteamento de diversas chácaras na Consolação e outras regiões, bem como várias obras de infraestrutura viária e de serviços. Contudo, a área propriamente urbana ainda era muito diminuta, como ilustra a carta elaborada pela Companhia Gantareira e Esgotos, de autoria de Henry Joyner, para o centro urbano de São Paulo, em 1881. Ao longo da década de 1880, vários casarões residenciais foram derrubados para erigir novas edificações, sob influência de países europeus, em especial da arquitetura italiana (Porto 1992).

A inserção das cidades no mundo moderno passa pela sua inclusão em um mercado global e pela intensificação do consumismo de produtos

manufaturados e padronizados. Esse processo abrange também a sua distribuição local. Mesmo sendo a área de fato urbana ainda diminuta ao final dos oitocentos, já se podia encontrar itens de luxo importados, como de vestuário e móveis (a exemplo de ternos vendidos de 80 a 100\$000 e cadeira austríaca a 30\$000), ou bebidas, como boas marcas de cerveja vindas da Alemanha (Franciscana, Lovembrau, Pilsen, Spaten) por 1000 a 1200rs a garrafa (Souza 2013 [1887-1891]).

Durante a segunda metade do século XIX, já havia fábricas de fumo e lojas que o comercializavam em São Paulo. A Fábrica de Fumo do Ypiranga, de propriedade do francês Pedro Martin, localizada em Sorocaba, noticiou em 1870: “fumo de várias qualidades para cachimbos e cigarros. Vende-se por atacado e remete-se para qualquer ponto do Império” (Anúncios 1870: 2). No ano seguinte, o mesmo empresário abriu uma fábrica a vapor para fumo de cachimbos e cigarros, localizada na rua dos Carmelitas, nº 2 (Noticiário 1871: 1).

Na década de 1860, havia algumas vendas de cachimbos e fumos situados à rua do Rosário, localizada entre o largo de São Bento e o Pátio do Colégio (essa rua depois foi denominada rua da Imperatriz e, posteriormente, rua XV de Novembro). Uma dessas vendas, à rua do Rosário, nº 50, era de propriedade de Henrique Biaro (1862). A outra, já no nº 15, era de propriedade de Youds & Irmão (1862). A terceira venda, no nº 5, denominava-se Casa de Mille. Maria Malzac (1863-1864). O comércio Youds & Irmão veiculou, em 06/11/1862, não somente que vendia cachimbos, mas também seus preços (Anúncios 1862: 3):

Tipo	Valor tal como anunciado	Quantidade	Valor unitário presumido
De barro pintados à mão	18\$000	1 grossa	125 réis
Cachimbos de barro pintados à mão com cabo de pau	50\$000	1 grossa	347 réis
De louça	9\$000	1 dúzia	750 réis
De raiz	6\$000	1 dúzia	500 réis

**Tabela 1.** Preços de cachimbos na loja de Youds & Irmão, São Paulo, 1862.

**Fonte:** Anúncios (1862: 3).

Estima-se que os cachimbos referidos emicamente pelos anúncios oitocentistas como de louça sejam os feitos em argilas brancas caulínicas por várias nações europeias e comercializados globalmente. Poderão incluir também os exemplares feitos nos atuais Estados Unidos e na Europa, especialmente a partir do século XIX, em argilas colorizadas, mas de queima em temperaturas também mais altas que a dos nossos de barro. Nota-se que a Youds & Irmão vendia cachimbos de louça pela dúzia, saindo cada unidade por 750\$rs. Na mesma loja, o de raiz custava 500\$rs a unidade (também vendido por dúzia). Por outro lado, os preços dos cachimbos de barro pintados à venda na loja de São Paulo variam entre 125\$rs a 347\$rs a unidade, vendidos à grossa (144 unidades). Observa-se que os cachimbos de louça estavam sendo vendidos por um preço mais alto que os de raiz de betouro e que os de barro eram os mais baratos. Por outro lado, a julgar pelos preços a que os cachimbo de louça eram vendidos, se comparados aos outros três tipos, é improvável que tenham sido utilizados por pessoas de baixo poder aquisitivo residentes no Brasil.

Além disso, há duas formas de vender o cachimbo de barro pintado à mão, com ou sem o dito cabo, que provavelmente era a piteira que se inseria no cachimbo angular curto. Para ambas as categorias, nota-se o baixo preço dos cachimbos de barro pintados. Mais importante, entre os cachimbos vendidos naquela loja, apenas os de barro eram distribuídos pela grossa e não pela dúzia. Isso indica sua venda em enormes quantidades e uma alta magnitude de uso, frente os demais tipos.

Para a década de 1870, ao final daquele século, foram encontradas em alguns periódicos referências a sete lojas de cachimbos e fumos. Uma loja de produtos variados, localizada na rua Direita, nº 46, anuncia, além da venda de vários tipos de fumo e de charutos, cigarreiras, charuteiras e porta-fósforo, feitos dos mais diversos materiais, como madrepérola, tartaruga, bronze e metal, entre outros. Também divulga que espera a chegada de um “*rico sortimento de cachimbos e ponteiros para charutos e cigarros, de espuma do mar*” (Anúncios 1871b: 4). Outra venda

menciona a disponibilidade de fumo para cachimbos e localizava-se à rua da Cruz Preta, nº 8 (Anúncios 1871a: 3). Uma terceira venda de fumo para cachimbos e cigarros, entre outros itens, localizava-se na rua da Imperatriz (antiga rua do Rosário, da qual já citamos três lojas na década anterior), ao nº 34 (Anúncios 1871c: 3). Esse mesmo comércio vendeu também “*grande e variado sortimento de cachimbos e ponteiros para charutos e cigarros, de espuma do mar, o que há de mais fino e elegante*” (Anúncio 1872a: 4).

A quarta loja de fumo identificada, essa situada na rua da Esperança, nº 16, inclui no seu repertório fumo já desfiado, próprio para cachimbo (Anúncio 1872b: 3). Outra, denominada A Gram Turco, localizava-se na rua da Imperatriz, nº 6, e vendia charutos e fumos de diversas procedências (Anúncios 1874: 3). A sexta loja encontrada nos periódicos observados divulgava seus produtos especificamente como presentes para as festas de fim de ano: em dezembro do ano de 1884, a Charutaria Commercial Silva & Comp., situada na rua de São Bento, nº 49, anunciava sortimento de artigos próprios para presentes das festas do “*natal, ano bom e reis*” (Anúncios 1884: 3), incluindo ponteiros de cerejeiras para cachimbo, charuto e cigarros, cigarreiras de couro e cachimbos de espuma legítima, dizendo serem especializados nesse último tipo de artigo. Por fim, já em 1901, foi divulgado “*Grande depósito de fumos. Completo sortimento de cachimbos, charutos, cigarros e objetos para fumantes. Preços sem competência. Castro Araújo & c. Rua Florencio de Abreu, 13A. São Paulo*” (Anúncios 1901: 3).

Foram observados anúncios de vendas de cachimbos de madeira, de barro, de raiz de betouro, de espuma do mar e de louça. Além do já mencionado alto preço cobrado pelo cachimbo de louça na loja de Youds & Irmão em 1862, observou-se uma recorrência de menções ao cachimbo de espuma do mar como variedade de especial valor.

A partir de pesquisa nos acervos do Centro de Arqueologia de São Paulo (Casp), complementada por documentação secundária sobre projetos vários no estado e cidade de São Paulo, foram levantadas informações sobre cachimbos em 34 sítios. Do ponto de

vista arqueológico, de forma similar ao que ocorre em Minas Gerais e Goiás, a maior parte dos sítios históricos no atual estado de São Paulo não apresenta cachimbos estrangeiros (nesse caso, 33 sítios). Os únicos cachimbos estrangeiros identificados no estado de São Paulo se encontram todos na sua principal urbe, que foi considerada um único sítio nessa quantificação inicial.

Entre os sítios de produção diversificada, não os apresentam o engenho Pacuíba I (Ilhabela), a fazenda São Francisco (São Sebastião) e o Taubaté 1 (Taubaté). Estão ausentes também nos dois sítios levantados para a cidade de Santos, SP, a saber, sítio Codesp e Barca Valongo Santista (Gonzalez & Blasis 2016; Symanski, Gomes & Suguimatsu 2015). Esses geraram surpresa, especialmente o último, posto que em outras regiões do litoral brasileiro os portos e cidades portuárias foram locais profícuos para identificação de cachimbos estrangeiros. Entre sítios de habitação nos quais eles não foram identificados, estão Caçapava 2, Casa Bandeirista do Itaim, Casa do Sertanista, Casa do Tatuapé, Casa do Grito, Mirim, Morrinhos, Ressaca (São Paulo), Chácara Xavier e Jacaré 1 (Jacaré) (Caldarelli 2000; Zanettini & Camargo 2010).

Ainda foi observada ausência de cachimbos estrangeiros nos sítios Dr. Falcão, Caxingui, Edifício Ramos de Azevedo, Eusébio Matoso 1, Ferreira de Araújo, Mackenzie, metrô Waldemar Ferreira, Pinheiros 1 e 2, Vale de Anhangabaú, Florêncio de Abreu e Instituto Bom Pastor. Especialmente digna de nota é a ausência deles na Casa 1, no Solar da Marquesa de Santos e no Beco do Pinto. Esses sítios, apesar de terem apresentado, por exemplo, louças europeias do século XIX (Carvalho 2003), não parecem ter abrigado o uso de cachimbos estrangeiros. O Solar, construído na área já urbana ainda no século XVIII – mais precisamente em 1739, por André Álvares de Castro –, viria a ser morada da Marquesa em 1834. Ela, que também era proprietária da chácara Figueira, próxima ao rio Tamanduaté, era sabidamente fumante de cachimbos (Lemos 1968; Porto 1992; Rangel 1984: 59). Assim, é importante apontar também que o Solar, o Beco, a Casa 1 e vários outros

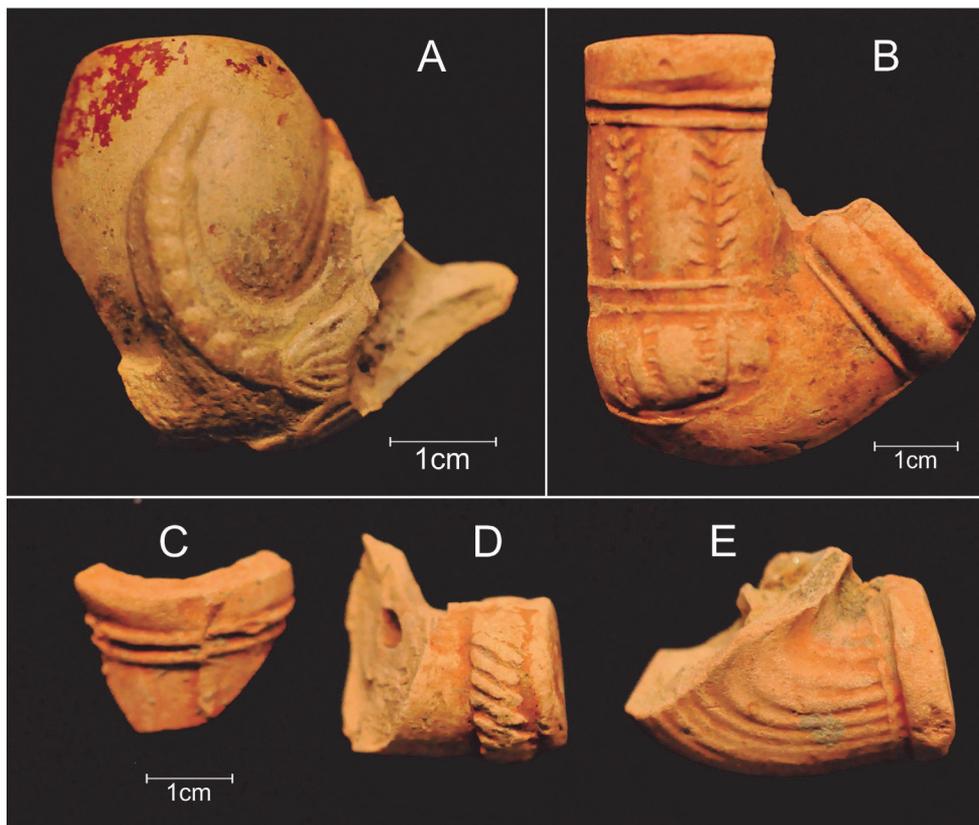
desses sítios aqui mencionados apresentam cachimbos de barro.

Por outro lado, a busca direcionada para a análise de cachimbos estrangeiros no acervo do Casp foi sistemática e foram identificados doze cachimbos estrangeiros. Todos são moldados, como era a já centenária fabricação na Europa de cachimbos manufaturados de exportação. É possível que outros cachimbos presentes no acervo, especialmente entre os moldados, sejam também estrangeiros. Especialmente no século XIX, a Europa aumentou seu uso de argilas colorizadas, resultando em pitos avermelhados, castanhos e enegrecidos, em várias tonalidades. Ainda, além de copiados entre os diversos fabricantes de várias nacionalidades, os padrões e as formas produzidos se multiplicaram em muito (Hissa 2018, 2020).

Dessa forma, a identificação de fabricantes específicos geralmente requer a presença de marcas alfanuméricas nas peças arqueológicas, apesar de que essas não garantem o sucesso da identificação do fabricante e do período de feitura. É sempre preciso realizar paciente pesquisa para cada peça e recorrer a catálogos de fabricantes, o que, pela sua dificuldade de aquisição, é por vezes impossibilitado.

Entre os doze cachimbos estrangeiros identificados no acervo do Casp, cinco não apresentam referência de procedência arqueológica, mas há menção ao município de São Paulo (Fig. 4).

Os sete cachimbos estrangeiros referenciados foram recuperados em cinco diferentes localidades e projetos arqueológicos associados a obras de infraestrutura urbana. A peça exumada das proximidades da Pontifícia Universidade Católica (PUC), na Consolação (Fig. 5A), é provavelmente italiana, de barro colorizado, datada entre 1850-1940. Há alguma similaridade com alguns tipos de cachimbos produzidos à mesma época nos Estados Unidos, em Mogadore, Ohio, e em Pamplin, Virgínia (Murphy 1976; Murphy & Reich 1974). Contudo, o tamanho do forninho e a curvatura da base são condizentes com exemplares italianos.



**Fig. 4.** A-E: cachimbos estrangeiros sem informação de procedência arqueológica específica, mas referentes ao município de São Paulo. Instituição de guarda: Casp. A: cachimbo figural, exibindo uma garra segurando um ovo, possivelmente alemão, século XIX-XX. Coleção Andreatta. B: Itália, 1750-1900. E: provavelmente Itália, século XIX-XX. **Fonte:** fotos da autora, 2018.

Já o fragmento de cachimbo identificado nas proximidades da estação Luz foi fabricado com argila caulinitica, mais especificamente na quadra em que se localiza a escola técnica (Etec) Santa Ifigênia, em um bolsão de lixo e refugio de artefatos domésticos. A datação das faianças finas desse bolsão indicou o intervalo de 1845 e 1900 (Zanettini & Camargo 2010: 137), período coincidente com o tipo geral do cachimbo de caulim encontrado. Trata-se de um forninho de paredes espessas, bastante simples em decoração, apenas serrilhado na borda do forninho. Aparentemente não há marca de fabricante, o que dificulta uma precisa identificação de

origem e intervalo de produção, uma vez que já nos oitocentos modelos muito semelhantes eram produzidos por vários fabricantes. De todo modo, pela sua robustez, é possível ser de origem inglesa ou escocesa.

A peça recuperada do sítio Luz (Fig. 5E), nas obras associadas à linha amarela do Metrô paulistano (Programa de Prospecção e Resgate Arqueológico 2007), é provavelmente de proveniência italiana, de feitura no século XIX-XX. É também uma peça de cerâmica colorizada e na sua lateral se lê “Salva Macchia Pisa”.

Entre essas quatro localidades, a praça das Artes resultou em mais cachimbos

estrangeiros, ainda que tenha a modesta soma de três exemplares confirmadamente vindos do exterior.<sup>1</sup> Um deles é apenas um fragmento de haste de cachimbo de caulim (Fig. 5C), cujo orifício mede 5/64". As outras duas são efígies, ambas masculinas. A primeira (Fig. 5D) é um rosto caucasiano austero, com bigode e uma barba sucinta, como uma linha vertical de pelos circunscrita ao queixo, corte elegante nos oitocentos.

Há uma roda em cada lateral do cachimbo, mas nenhuma marca alfanumérica, dificultando sua identificação precisa. A fisionomia é compatível com a de August Bebel, figura política alemã renomada, que foi representado em cachimbos entre fins do século XIX e início do XX. Pelas suas características estilísticas e de acabamento, pode ser alemão ou francês.

A segunda efígie masculina da Praça das Artes (Fig. 6A e 6B) está fragmentada, faltando a maior parte do rosto, mas as inscrições nas laterais da peça “Gambier” e “976” possibilitaram sua identificação acurada. Trata-se de uma peça feita pela Fábrica Gambier. Ela foi fundada por Jean Gambier em 1780, chegando a produzir, em 1827, uma média de 6.500 cachimbos por dia. Com loja também situada em Paris, a fábrica foi muito conhecida por seus forninhos decorados com fitomorfos, antropomorfos, cabeças de negro, personagens da mitologia, políticos, artistas e zoomorfos, de aves a leões e elefantes, todos em muitas variedades e tamanhos, bastante rebuscados e em cores. Gambier foi notória na produção do cachimbo de Jacó (*Jacob*), utilizando-se do slogan: *Eu sou o verdadeiro Jacó, o belo Jacó*. A fábrica Gambier foi comprada por Veuve Hasslauer em 1835.

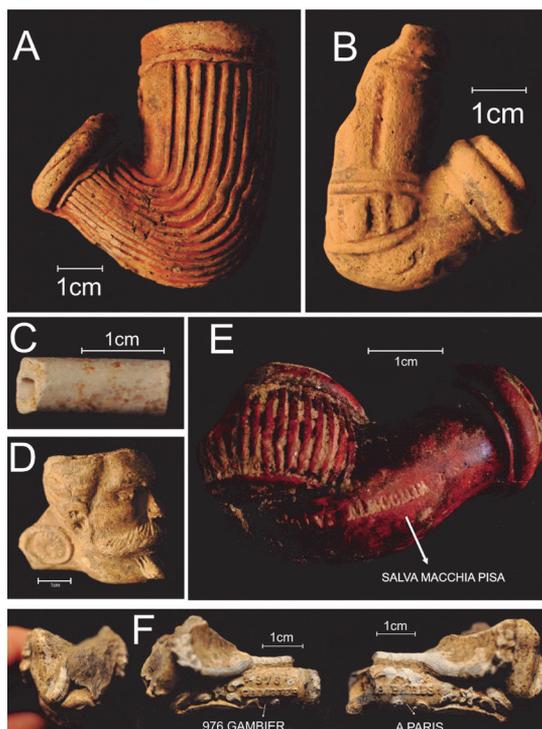


Fig. 5. Cachimbos estrangeiros, com informação de procedência arqueológica. Instituição de guarda: Casp.  
Fonte: fotos da autora, 2018.

1 Esses cachimbos já foram brevemente apresentados em Bagniewski & Mangueira (2011) e no *Relatório final de monitoramento e resgate arqueológico da área destinada à implantação da Praça das Artes* (2012).

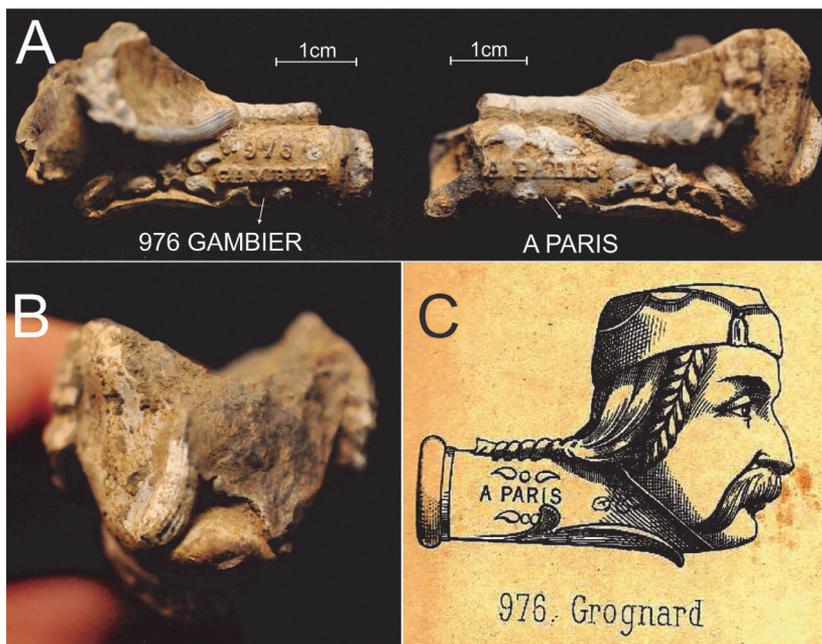
Esse modelo numerado “976” foi fabricado entre 1870-1900, alcunhado *Grognard* (para ilustração dessa peça completa, ver Fig. 7C). O termo *grognard* designa, de forma genérica, *velho soldado*, remetendo à guarda imperial criada por Napoleão Bonaparte em 1804.

A partir do georreferenciamento da localização dos sete cachimbos estrangeiros e da carta elaborada para o centro urbano de São Paulo em 1881 pela Companhia Gantareira e Esgotos, de autoria de Henry Joyner, nota-se que seis desses sete objetos estão circunscritos ao que era o centro urbano naquela data (Fig. 7 e 8).

O único cachimbo identificado fora do que a Companhia Gantareira denominara como centro urbano (Fig. 5B) é semelhante ao cachimbo exposto na Fig. 4B, tanto em forma quanto no tipo da argila empregada. A decoração não é equivalente, mas ainda

guarda alguma similaridade. Foi identificado na região de Pinheiros, nas proximidades da rua Ferreira Araújo, área mais intensamente urbanizada no início dos novecentos (Porto 1992). É também de fatura italiana, com intervalo provável de produção entre meados dos oitocentos e meados do século XX. Considerando esse intervalo, é possível que ela tenha sido utilizada e descartada nessa região durante ou após as obras de urbanização.

A maior parte dessas localidades apresentava também cachimbos de barro. Tanto os moldados quanto os modelados estão dispersos no centro urbano e nas casas mais afastadas do centro (Fig. 9). Ressalta-se que a pesquisa especificamente voltada para os cachimbos de barro, realizada em 2018 nos acervos do Casp e em documentação secundária, foi assistemática e não exaustiva, o que deverá ser feito em pesquisas subsequentes.



**Fig. 6.** Cachimbo produzido na Fábrica Gambier, França, 1870-1900. 6A e 6B são imagens das laterais do fragmento da peça exumada pela Scientia. Instituição de guarda: Casp. Fotos da autora, 2018. 6C é uma ilustração da fabricante divulgada em catálogo comercial, do mesmo modelo da peça arqueológica exibida nas imagens 6A e 6B.

**Fonte:** Gambier (1894: 19).

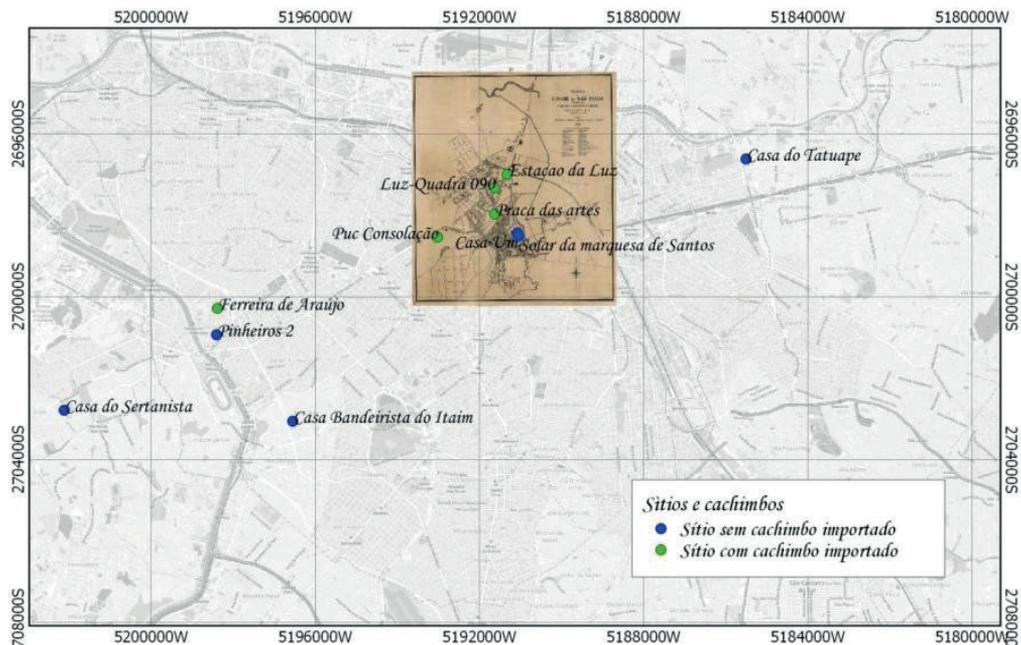


Fig. 7. Localização dos cachimbos estrangeiros em relação à urbanização de 1881 (georreferenciamento da carta elaborada pela Companhia Gantareira e Esgotos, escrita por Henry Joyner, para o centro urbano de São Paulo, em 1881).

Fonte: elaborado pela autora.

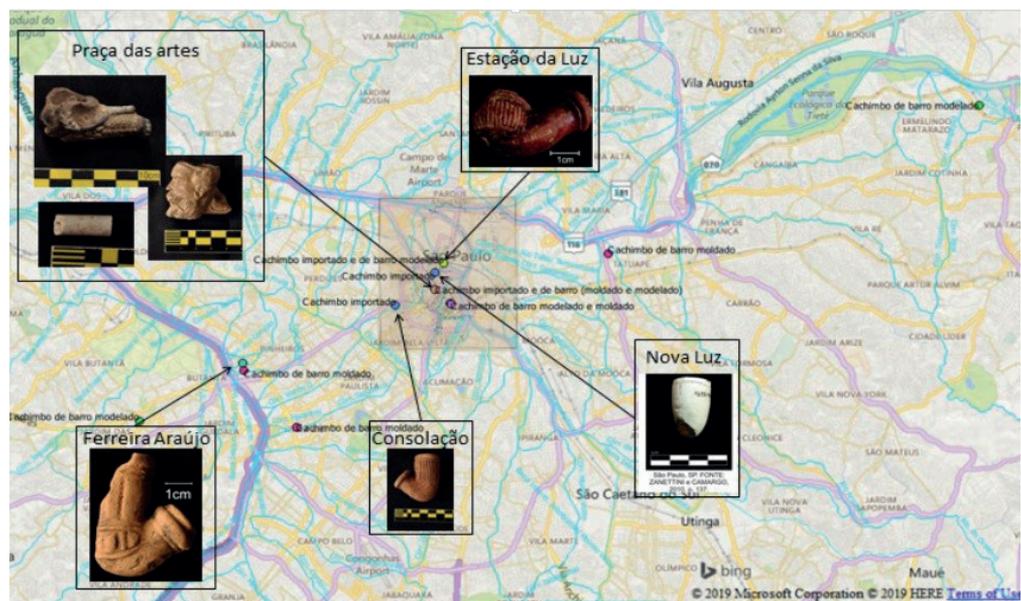


Fig. 8. Distribuição espacial dos cachimbos estrangeiros identificados no acervo do Casp, em relação à carta elaborada pela Companhia Gantareira e Esgotos, escrita por Henry Joyner, para o centro urbano de São Paulo, em 1881.

Fonte: elaborado pela autora.

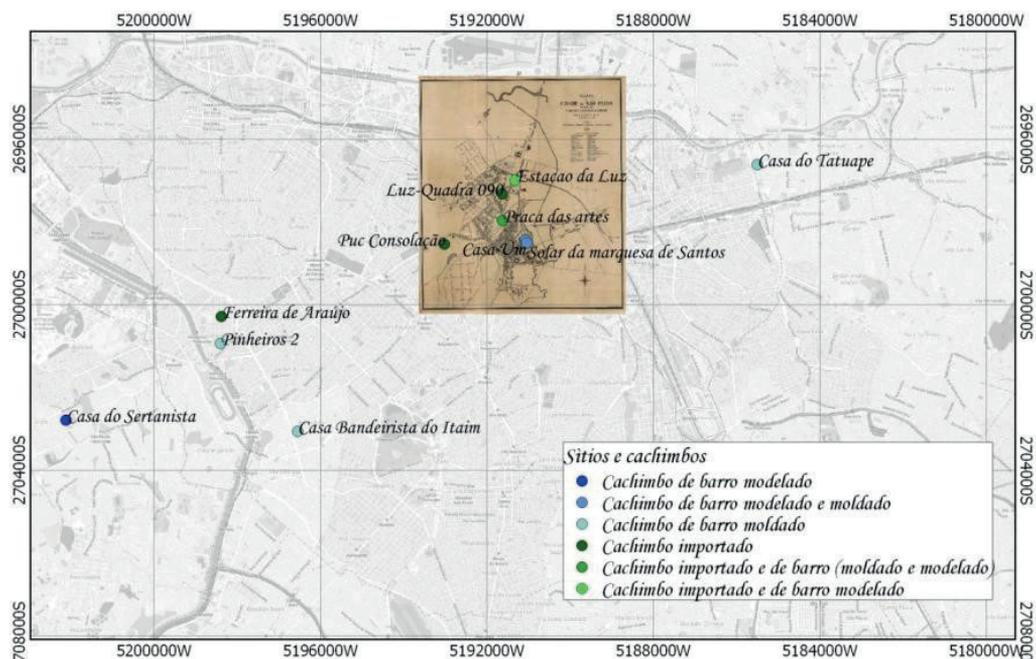


Fig. 9. Localização dos cachimbos discutidos neste artigo, em relação à urbanização de 1881, segundo carta elaborada pela Companhia Gantareira e Esgotos, de autoria de Henry Joyner.

Fonte: elaborado pela autora.

### Considerações finais

Em primeiro lugar, volta-se à dimensão reduzida da amostra de cachimbos estrangeiros arqueológicos identificados em São Paulo, especialmente quando se considera os relativamente mais numerosos cachimbos de barro de fatura local/regional já escavados. O fato de os cachimbos estrangeiros serem menos frequentes sugere que sua presença tenha sido esparsa e diminuta no passado daquela localidade. Isso indica, novamente (Hissa 2018), que a tentativa de penetração dos cachimbos estrangeiros no Brasil foi improfícua e frustrada, frente à existência de implementos aqui produzidos e já amplamente adotados. Lembra-se também o alto preço indicado para os cachimbos de louça à venda na rua do Rosário, nº 15, em 1862, demonstrando que se tratava de um produto de consumo elitista, que se tentou incorporar às práticas fumageiras.

Enquanto isso, os cachimbos de barro eram vendidos por preços mais baixos, como apontado anteriormente, e em maiores

quantidades, o que se sugere a partir das amostras arqueológicas relativamente mais numerosas. Pode-se assim supor que os cachimbos de louça eram considerados dispensáveis, talvez não somente pelo seu mais alto custo, mas também frente a uma produção próxima, numericamente suficiente e culturalmente significativa: os de barro.

Por outro lado, os apenas doze cachimbos estrangeiros presentes no Casp, referentes à cidade de São Paulo, são datados, de forma muito geral, aos séculos XIX (particularmente ao final dos oitocentos) e ao XX. Nesse momento, o Brasil já integrava o mercado mundial, pretendendo-se cosmopolita, e a própria cidade de São Paulo se modernizava em ritmo crescente. Ainda que a amostra seja pequena, não parece coincidência que praticamente todos os cachimbos estrangeiros localizáveis estejam circunscritos pelo perímetro urbano de 1881 da crescente São Paulo. A confluência cronológica desses cachimbos com o processo de urbanização e modernização paulistana vai ao encontro da interpretação

dos cachimbos estrangeiros como fenômeno principalmente urbano.

Ainda, notou-se que os cachimbos estrangeiros cuja procedência foi aferida indicaram produção francesa, alemã e italiana. Assim, vale salientar a convergência das procedências de cachimbos alemã e italiana com os movimentos imigratórios da mesma época, emanados dessas nações. É possível que essa convergência esteja relacionada a preferências identitárias de pessoas destacadas de seus lugares de origem, que teriam se expressado em objetos do fumo e, talvez, na própria prática fumageira. Para fomentar essa discussão, poderá ser profícua uma análise comparativa com acervos de cidades cuja população não recebeu tão fortemente tais contingentes de imigrantes alemães e italianos. Não obstante os exercícios interpretativos aqui esboçados, especialmente o último, ressalvo que esses são arremates provisórios.

Sobretudo considerando a amostragem diminuta aqui desfrutada, eles deverão ser confrontados com os dados futura e gradualmente compilados pelos trabalhos de campo na cidade.

#### Agradecimentos

Agradeço ao Casp, nas pessoas da Paula Nishida e Renato Mangueira, pelo acesso ao material arqueológico; a Renato Kipnis e Anderson Barbosa pelo envio do relatório da Praça das Artes; à Leticia Hissa pela ajuda com SIG; a Igor Rodrigues pela leitura deste texto; e à comissão organizadora da VI Semana Internacional de Arqueologia dos Discentes do MAE-USP. Ficam também reconhecidas a bolsa de doutorado Faperj (Proc. nº 100.477/2014) e a bolsa vigente de pós-doutorado CNPq (Proc. nº 157943/2018-6).

HISSA, S.B.V. Foreign tobacco and pipes in modern São Paulo. *R. Museu Arq. Etn.* 34: 111-131, 2020.

**Abstract:** Tobacco consumption was a widespread practice amongst several social classes, ethnical groups and craft categories, used via sniff powder, cigarettes, cigars and pipes. Several parts of the colony produced clay tobacco pipes, including São Paulo. In addition, several archaeological sites of Brazilian territory had foreign clay tobacco pipes dating from the 16th to the 20th centuries, and, yet again, including São Paulo. After the opening of harbor trades for non-Portuguese merchants in 1808, some modernization really occurred in urban areas. Regarding material life, Brazil initiated direct commerce with the rest of the world, and many items were widely imported, particularly English goods, with the aid of lower import taxes. Foreign pipes made in 19th and 20th centuries were found in São Paulo and they relate to the process of urban modernization, even if also having local and personal meanings. Nevertheless, they appear in very low numbers, while locally made clay pipes appear in larger quantities and diverse varieties.

**Keywords:** Smoking pipes; Urban archaeology; 19th and 20th centuries; Modernization.

### Referências bibliográficas

- A Câmara e o público. 1898. *O Commercio de São Paulo* 602: 2.
- Agostini, C. 1998. Resistência cultural e reconstrução de identidades: um olhar sobre a cultura material de escravos do século XIX. *Revista de História Regional* 3(2): 115-137.
- Agostini, C. 2009. Cultura material e a experiência africana no sudeste oitocentista: cachimbos de escravos em imagens, histórias, estilos e listagens. *Topoi* 10(18): 39-47.
- Agostini, C. 2011. *Mundo Atlântico e clandestinidade: dinâmica material e simbólica em uma fazenda litorânea no sudeste, século XIX*. Tese de doutorado. Universidade Federal Fluminense, Niterói.
- Antonil, A.A. 1837 [1711]. *Cultura e opulência do Brasil*. Villeneuve e Comp., Rio de Janeiro.
- Anúncios. 1862. *Correio Paulistano* 1950: 3.
- Anúncios. 1870. *Correio Paulistano* 4224: 2.
- Anúncios. 1871a. *Correio Paulistano* 4366: 3.
- Anúncios. 1871b. *Correio Paulistano*. 4539: 4.
- Anúncios. 1871c. *Correio Paulistano*. 4550: 3.
- Anúncios. 1872a. *Correio Paulistano* 4683: 4.
- Anúncios. 1872b. *Correio Paulistano* 4888: 3.
- Anúncios. 1874. *Correio Paulistano* 5395: 3.
- Anúncios. 1884. *Correio Paulistano* 8503: 3.
- Anúncios. 1901. *O Commercio de São Paulo* 2553: 3.
- Aos fumantes. 1891. *Correio Paulistano* 10454: 1.
- Bagniewski, A.; Manguiera, R. 2011. Biografia dos cachimbos: estudo de caso na Praça das Artes – Vale do Anhangabaú – Empreendimento do Consórcio Contrucap/Triunfo, projeto de pesquisa da Scientia Consultoria Científica. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 11(supl.): 119-124.
- Bates, H.W. 1944 [1863]. *O naturalista no rio Amazonas*. Companhia Editora Nacional, São Paulo.
- Brancante, E.F. 1981. *O Brasil e a cerâmica antiga*. Companhia Lithographica Ypiranga, São Paulo.
- Bueno, F.A.V. 2013. A cidade de São Paulo: recordações evocadas na memória. In: Moura, M.E.M. (Org.). *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX*. Edusp, São Paulo, 149-170.
- Burton, R. 2001 [1868]. *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho*. Senado Federal; Conselho Editorial, Brasília.
- Calado, M.; Pimenta, J.; Silva, R. 2003. Cachimbos de cerâmica provenientes da escavação do Caminho de Ronda no Castelo de São Jorge em Lisboa. *Património: Estudos* 5: 83-95.
- Calado, M. et al. 2013. Os cachimbos cerâmicos do Palácio Marialva. *Revista Portuguesa de Arqueologia* 16: 383-392.
- Caldarelli, S. 2000. *Arqueologia do Vale do Paraíba Paulista*. Scientia, São Paulo.
- Cardim, F. 1980 [1548?-1625]. *Tratados da terra e gente do Brasil*. Itatiaia, Belo Horizonte.
- Carvalho, M.R.R. 2003. Pratos, xícaras e tigelas; um estudo de arqueologia histórica em São Paulo, séculos XVIII e XIX: os sítios Solar da Marquesa, Beco do Pinto e Casa nº 1. *Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia* 13: 75-99.
- Coelho, R.R.. 2011. O universo social das artes de curar no Brasil Colonial. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, 2011, São Paulo, 1-17.
- Ferreira, L.G. 2002 [1735]. *Erário mineral*. Rio de Janeiro, Fiocruz. Org. Júnia Ferreira Furtado.

- Ferreira, L.O. 2009. Medicina impopular: ciência médica e medicina popular nas páginas dos periódicos científicos (1830-1840). In: Chalhoub, S. et al. (Orgs.). *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Editora da Unicamp, Campinas, 101-122.
- Figueiredo, A. 2009. Anfiteatro da cura: pajelança e medicina no limiar do século XX. In: Chalhoub, S. et al. (Orgs.). *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Editora da Unicamp, Campinas, 273-305.
- Figuier, L. 1867. O fumo e a higiene. *Diário de São Paulo* 532: 1.
- França, J.M.C. 2012. *A construção do Brasil na literatura de viagem dos séculos XVI, XVII e XVIII – Antologia de textos: 1591-1808*. Unesp, São Paulo.
- Furtado, J.F. 2005. Barbeiros, cirurgiões e médicos na Minas colonial. *Revista do Arquivo Público Mineiro* XLI: 88-105.
- Gambier, J. 1894. *Fabrique de pipes: Vve Hasslauer de Champeaux & Quantin, successeurs de Gambier*. L. de Lacourt, Givet.
- Gonzalez, É.; Blasis, P. 2016. *Paisagens culturais da baía de Santos*. Codesp, São Paulo.
- Gurgel, C. 2015. Médicos do Brasil Colonial. *Boletim da FCM/Unicamp* 10(1): 16-17.
- Hissa, S. 2018. *O petyn no cachimbo branco: arqueologia e fumo nos séculos XVII ao XIX*. Tese de doutorado. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Hissa, S. 2019a. O pito (de) holandês: cachimbos arqueológicos de caulim do Recife e de Salvador. *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi: Ciências Humanas* 14(3): 963-979.
- Hissa, S. 2019b. Brancos, castanhos e vermelhos: cachimbos arqueológicos de cerâmica no forte Orange. *Vestígios: Revista Latino-Americana de arqueologia histórica* 13(1): 3-28.
- Hissa, S. 2020. *Fumo e arqueologia histórica: cachimbos importados no Brasil, séculos XVII ao XIX*. Editora Appris, Curitiba (no prelo).
- Hissa, S.B.V.; Lima, T.A. 2017. Cachimbos europeus de cerâmica branca, séculos XVI ao XIX: parâmetros básicos para análise arqueológica. *Anais do Museu Paulista: História, Cultura e Material* 25(2): 225-268.  
DOI: 10.1590/1982-02672017v25n0209.
- Hissa, S.B.V.; Lima, T.A. 2019. Cachimbos brancos da região do Valongo: o cachimbo cosmopolita na Rio de Janeiro oitocentista. *Revista da Sociedade Brasileira de Arqueologia* 32: 61-85.
- Holanda, S.B. 2014. *Raízes do Brasil*. Companhia das Letras, São Paulo.
- Lemos, C. 1968. A casa da marquesa de Santos em São Paulo, SP. *Revista do Instituto de Estudos Brasileiros* 4: 7-14.
- Lima, T.A. 1996. Humores e odores: ordem corporal e ordem social no Rio de Janeiro, século XIX. *História, Ciências Saúde-Manguinhos* 2(3): 44-94.
- Lima, T., Bruno, M.; Fonseca, M. 1993. Sintomas do modo de vida burguês no Vale do Paraíba, séc. XIX: fazenda São Fernando, Vassouras, RJ, exploração arqueológica e museológica. *Anais do Museu Paulista* 1: 179-206.
- Moura, M.E.M. (Org.). 2013. *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX*. Edusp, São Paulo.
- Murphy, J. 1976. Reed stem tobacco pipes from Point Pleasant, Clermont County, Ohio. *Northeast Historical Archaeology* 5(1-2): 12-27.
- Murphy, J.; Reich, K. 1974. Nineteenth century reed-stem tobacco pipes from the Mogadore, Ohio, Dump. *Pennsylvania Archaeologist* 44(4): 52-60.
- Nansouty, M. 1894. O cachimbo. *O Commercio de São Paulo* 358: 2.

- Nardi, J.B. 1987. *O fumo no Brasil colônia*. Brasiliense, São Paulo.
- Nardi, J.B. 1996. *O fumo brasileiro no período colonial*. Brasiliense, São Paulo.
- Noticiário. 1871. *Correio Paulistano* 4524: 1.
- Notícias. 1882. *Correio Paulistano* 7572: 2.
- Palcos e salões. 1898. *O Commercio de São Paulo* 1522: 2.
- Parville, H. 1869. Efeitos psicológicos do fumo. *Diário de São Paulo* 1283: 2-3.
- Philips, J.E. 1983. Smoking and pipes. *The journal of African History* 24(3): 303-319.
- Pimenta, J.; Calado, M.; Silva, R. 2008. Cachimbos de cerâmica provenientes da escavação do Caminho de Ronda no Castelo de São Jorge, em Lisboa. *Actas das 4 Jornadas de Cerâmica Medieval e Pós-Medieval*, 2008, Porto, 335-353.
- Pimenta, T.S. 2009. Terapeutas populares e instituições médicas na primeira metade do século XIX. In: Chalhoub, S. et al. (Orgs.). *Artes e ofícios de curar no Brasil*. Editora da Unicamp, Campinas.
- Pinto, M.; Filipe, L.; Miguel, L. 2011. Cachimbos de caulino provenientes do mercado da ribeira: contributo para a história sócio-econômica da Lisboa moderna. *Apointamentos de arqueologia e património* 7: 41-48.
- Porto, A.R. 1992. *História urbanística da cidade de São Paulo (1554-1988)*. Carthago & Forte, São Paulo.
- Programa de Prospecção e Resgate Arqueológico. 2007. *Implantação da linha 04 amarela, metrô de São Paulo*. Documento, São Paulo, v. 1.
- Rangel, A. (Notas e org.). 1984. *Cartas de D. Pedro I à Marquesa de Santos*. Nova Fronteira, Rio de Janeiro.
- Relatório final de monitoramento e resgate arqueológico da área destinada à implantação da Praça das Artes: operação urbana Centro. 2012. Scientia, São Paulo.
- Ribeiro, M.M. 1997. *A ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII*. Hucitec, São Paulo.
- Russell-Wood, J. 2014. *Histórias do Atlântico português*. Editora Unesp, São Paulo.
- Saint-Hilaire, A. 1976. *Viagem à província de São Paulo*. Itatiaia, Belo Horizonte.
- Souza, E.V.P.S. 2013. Reminiscências acadêmicas (1887-1891): metamorfoses da Paulicéia provinciana em grande metrópole. In: Moura, M.E.M. (Org.). *Vida cotidiana em São Paulo no século XIX*. Edusp, São Paulo, 203-215.
- Souza, M.; Agostini, C. 2012. Body marks, pots, and pipes: some correlations between African scarifications and pottery decoration in Eighteenth and Nineteenth Century Brazil. *Historical Archaeology* 46(3): 102-123.
- Spix, J.; Martius, C. 1981. *Viagem pelo Brasil: 1817-1820*. Itatiaia: Belo Horizonte, v. 1-3.
- Symanski, L.; Gomes, F.; Suguimatsu, I. 2015. Práticas de descarte de refugio em uma plantation escravista: o caso da fazenda do colégio dos jesuítas de campos dos Goytacazes. *Revista de Arqueologia SAB* 28(1), 93-122.
- Telegramas. 1894. *O Commercio de São Paulo* 383: 1.
- Torrão Filho, A. 2007. *Paradigma do caos ou cidade da conversão?* Annablume, São Paulo.
- Virtude do tabaco. 1892. *Correio Paulistano* 10649: 1.
- Wied-Neuwied, M. 1940. *Viagem ao Brasil nos anos de 1815 a 1817*. Companhia Editora Nacional, São Paulo.
- Zanettini, P. 2005. *Maloqueiros e seus palácios de barro: o cotidiano doméstico na casa bandeirista*. Tese de doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Zanettini, P.; Camargo, P. 2010. *Programa de prospecções e resgate arqueológico: quadra 090, setor 008 (perímetro Nova Luz)*. Zanettini Arqueologia, São Paulo.